

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE PEDAGOGIA

Juliana Artech Salazar

Revisitando o Conceito de Inserção na Educação Infantil

Florianópolis
2022

Juliana Arteche Salazar

Revisitando o Conceito de Inserção na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de licenciada em pedagogia.
Orientadora: Prof. Patrícia Lima

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Arteche Salazar, Juliana

Revisitando o Conceito de Inserção na Educação Infantil /
Juliana Arteche Salazar ; orientadora, Patrícia de Moraes
Lima , 2022.

30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Pedagogia. 3. Inserção . 4. Educação
Infantil . 5. Crianças . I. de Moraes Lima , Patrícia . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Pedagogia. III. Título.

Juliana Arteche Salazar

Revisitando o Conceito de Inserção na Educação Infantil

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciatura” e aprovado em sua forma final pelo Curso Pedagogia

Florianópolis, 21 de março de 2022.

Professora, Dra. Patrícia de Moraes Lima
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Professora, Dra. Patrícia de Moraes Lima
Orientadora
Instituição UFSC

Mestra Zoleima Pompeo Rodrigues
Avaliadora
Instituição UFSC

Mestra Jacira Carla Bosquetti
Avaliadora
Instituição UFSC

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que atravessaram junto comigo o processo de escrita deste trabalho.

Minha mãe e minha avó, que estiveram sempre presentes, me incentivando e auxiliando, sem medir esforços sobre aquilo que era necessário.

Minhas amigas e amigos, que fortaleceram meu sentimento de realização e perseverança.

Ao corpo docente que me acompanhou ao longo de toda minha trajetória acadêmica na UFSC, em especial as professoras que hoje me acompanham mais de perto.

A todos os envolvidos neste processo, agradeço de maneira muito especial. Sozinha eu não teria enfrentado todos os desafios e talvez não alcançasse o espaço que hoje ocupo e nem aquilo que almejo.

Muito obrigada!

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” (SAINT-EXUPÉRY *Antonie*, 1943)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo revisitar o conceito de inserção na Educação Infantil, a fim de perceber o processo pelo qual as crianças atravessam durante sua infância e seu desenvolvimento, enquanto sujeito de direitos que são. A escrita pautou-se em uma pesquisa bibliográfica, com textos contribuintes e necessários ao assunto. Revisitamos o conceito a partir dos autores RODRIGUES (2014), SARMENTO (2013) e AGOSTINHO (2013) buscando assim entender um pouco mais sobre a dinâmica do processo que o envolve e buscamos refletir acerca da importância e impacto destes atravessamentos na vida e jornada das crianças e também das famílias, daqueles que o cercam. É preciso um olhar atento e uma escuta ponderada, a inserção é parte generosa daquilo que entendemos como educação, de forma que todos modificam e integram-se.

Palavras-chave: Inserção. Educação Infantil. Crianças.

ABSTRACT

This Course Conclusion Work aims to revisit the concept of insertion in Early Childhood Education, in order to understand the process through which children go through during their childhood and development, as subjects of rights that they are. The writing was based on a bibliographic research, with contributing and necessary texts to the subject. We revisited the concept from the authors RODRIGUES (2014), SARMENTO (2013) and AGOSTINHO (2013) in order to understand a little more about the dynamics of the process that involves it and we seek to reflect on the importance and impact of these crossings in the life and journey of women, children and also the families, those around him. It takes an attentive look and thoughtful listening, insertion is a generous part of what we understand as education, so that everyone changes and integrates.

Keywords: Insertion. Child education. Kids.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.1.1	OBJETIVOS.....	11
1.1.2	Objetivo Geral.....	11
1.1.3	Objetivos Específicos	11
1.2	JUSTIFICATIVA.....	12
2.	A EDUCAÇÃO INFANTIL E O DIREITO DAS CRIANÇAS	14
3.	A CRIANÇA COMO ATOR SOCIAL	18
4.	A RELAÇÃO ENTRE O CONCEITO DE ADAPTAÇÃO E INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	22
5.	PENSANDO A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS E AS RELAÇÕES COM AS FAMÍLIAS.....	24
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
7.	REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil é o período no qual acontece um acolhimento das crianças nas unidades de educação. A obrigatoriedade de frequência na Educação Infantil é dos 4 aos 5 anos de idade, compreendendo-se então que crianças de 0 a 3 anos de idade não têm o ingresso e permanência dados como obrigatórios nos espaços educacionais.

Adentrar espaços já ocupados, que retratem variadas experiências, ainda na infância, sem dúvida é um processo novo, repleto de certezas e incertezas. O objetivo é um só e a certeza vem daí, mas a travessia por todo o processo nem sempre acontece exatamente conforme o planejado, existem variações, existem intervenções, existem contratempos. O processo de desenvolvimento, a infância, não tem uma receita de bola que seguimos à risca, sem pensar em variações de possibilidades, ele nos traz diariamente desafios, para que entendamos que as protagonistas de todo esse movimento são as crianças e é fundamentalmente para elas que devemos voltar o nosso olhar quando falamos sobre.

Na Educação Infantil é possível visualizar a pluralidade de vivências existentes num grupo de crianças, que enfrentarão um mesmo processo e crescerão em unidade com seus pares e também com aquelas que ali as acolhem. Não é somente sobre chegar, entrar, brincar, comer, dormir e voltar para casa. O processo que atravessa a Educação Infantil vai muito mais além do que isso. É ali, naquele espaço destinado à passagem por este processo que materializam-se muitas especificidades e até algumas adversidades, no que diz respeito à criança, ao grupo, ao processo, à Educação Infantil.

Durante toda a caminhada dentro da Educação Infantil, se faz importante e necessário direcionarmos às crianças um olhar de cuidado e cautela. É interessante que ao acolher as crianças, acolhamos também toda a bagagem e história que ela traz consigo, apesar de ter ainda pouca idade. É importante que reconheçamos o lugar de onde ela vêm, com quem ela divide a vida, como ela está acostumada a se desenvolver e de que maneira acontece mais agradavelmente seu crescimento e inserção. É sobre olhar para a criança, é sobre reconhecer e acolher aquela que está dando início ao seu processo de desenvolvimento pessoal e também educacional.

Pensando em alternativas que viabilizassem o desenvolvimento desta pesquisa, apresentarei aqui uma revisão no que tange o conceito de inserção. O processo pensado através de relações, acerca das vivências e experiências em unidades de Educação Infantil está diretamente ligado ao desenvolvimento das crianças, que acontece também primordialmente nestes espaços.

Assim, revisitaremos o conceito de inserção, entraremos em contato com fontes que nos trazem mais entendimento sobre este processo, reconhecendo que este alcança não somente às crianças, mas todos aqueles que compõem e contribuem para o caminhar da unidade, buscando sempre levar em conta que as crianças são sujeito de direitos e exercem também o papel de atores sociais. O que as faz protagonizar grande parcela na sociedade, na qual todos atualmente vivemos.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Inserir uma criança no contexto da Educação Infantil é muito mais do que colocá-la dentro de uma sala e esperar que ela relacione-se prontamente com as outras crianças. É extremamente importante que consideremos toda e qualquer especificidade das crianças, que não desconheçamos sua pertença social e que possamos perceber e possibilitar, a partir das próprias crianças, levando em conta seus contextos de vida e suas relações sociais e culturais.

1.1.1 OBJETIVOS

1.1.2 Objetivo Geral

Revisitar o conceito de inserção na Educação Infantil e sua importância na construção da docência.

1.1.3 Objetivos Específicos

- Mapear as pesquisas e as bibliografias que tratam do conceito de inserção na Educação Infantil.
- Analisar como no processo o conceito de inserção passa a ampliar a construção da docência na Educação Infantil.

- Refletir sobre o processo de inserção considerando as relações sociais e culturais das crianças e os seus processos de desenvolvimento.

1.2 JUSTIFICATIVA

O tema do meu TCC se volta para a Educação Infantil, mais especificamente sobre o que é o processo de inserção e como as crianças iniciam um entendimento sobre a nova dinâmica de vivências que se apresentam entre elas e suas experiências na Educação Infantil. O interesse tem como foco estudar o conceito de inserção para compreender os processos que atravessam as práticas no que diz respeito às crianças, às famílias e a docência dentro da Educação Infantil.

Escolhi esse tema após estagiar em um centro educacional da rede privada na Educação Infantil, em uma turma de berçário e perceber que entrar em uma sala com pessoas diferentes, locais diferentes, brinquedos, piso, janelas e paredes diferentes, destoando das referências mais próximas e familiares que a criança já tem, causa um certo estranhamento a elas, podendo ocasionar talvez um pouco de receio nas atitudes e comportamentos, o que por vezes tenciona o temido e longo período de inserção e interação das crianças com e entre elas mesmas e com o diferencial externo, no caso os espaços que as circundam.

Este tema também me instiga no que diz respeito ao contexto sociocultural que envolve as crianças na Educação Infantil, por querer entender um pouco mais sobre este processo, atravessado pelas próprias crianças, mas mediado e acompanhado pelas professoras e pelos familiares da criança. Além do interesse pelo processo em si, questiono-me em relação ao termo que comumente utilizamos para denominá-lo. Por que o processo deve ser de adaptação à escola, e talvez não uma inserção, interação das crianças para com as outras que ali estão e chegaram em uma mesma situação? Há algo na palavra inserção que talvez não contemple a totalidade deste processo? Existe uma diferença entre os conceitos de inserção e de adaptação?

Abordar e pensar este tema é também apontar para um senso comum que se faz presente no meio acadêmico e que demanda discussões acerca desse processo, tanto durante o processo de formação, graduação, quanto dentro das próprias escolas, nas quais as crianças já se fazem presentes e atuantes.

Portanto, almejo analisar, no que diz respeito ao processo, conceito de inserção, através de fontes e bibliografias que nos tragam estas reflexões, as experiências atravessadas pelas crianças neste processo, atentando-me à docência que também compõem e impulsiona estas vivências e como de fato desenrola-se, acontece a *inserção* no espaço da Educação Infantil.

2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E O DIREITO DAS CRIANÇAS

A educação infantil retrata uma das etapas que quando atravessada, proporciona em princípio o desenvolvimento, a interação, o conhecimento, a oportunidade de relacionamentos, descobertas e construção e integra a educação, enquanto constituinte do direito de toda e qualquer criança de acessar, participar, ocupar o que de fato é preparado para ela, durante a infância.

[...] precisamos que nosso trabalho cotidiano com as crianças nas creches e pré-escolas produza a heterogeneidade. Para tanto, devemos multiplicar as formas de linguagens, abordagens, entendimento e conexões. Não bastando o reconhecimento do direito às diferenças identitárias, “com essa tolerância neoliberal tão em voga, mas caberia intensificar as diferenciações, incitá-las, criá-las, produzi-las. (PELBART, 1993, p. 23 apud AGOSTINHO Kátia, 2013, p.231)

As crianças assumem para dentro das unidades de educação infantil, o papel de protagonistas. Elas são assim, o centro do planejamento pedagógico e é ali que nós, enquanto profissionais capacitados para atendê-las que somos, devemos levar em conta as dinâmicas adotadas para possibilitar a participação e a efetivação de um espaço que esteja voltado para a criança e sua educação, que percorre inúmeras perspectivas e concepções durante toda sua trajetória.

Sabemos que fundamentalmente o participar das crianças alcança processos necessários para o desenvolvimento das mesmas. O diálogo, o enfrentamento às diferenças, na mesma proporção que constituem os espaços públicos de educação, os formam e tornam-os assim tanto educativos quanto democráticos. Esses espaços são de fato espaços que proporcionam encontros, num grupo constituído por diferentes crianças, com pertencas variadas de gênero, de cultura, etnia, raça e social e que indispensavelmente devem ser levadas em conta na relação de construção dos mesmos.(AGOSTINHO Kátia, 2013)

As crianças são parte integrante e fundamental da sociedade, é muito mais que necessário incluí-las, levá-las em consideração para dentro daquilo que temos enquanto planejamentos sociais. Segundo Bren Neale (2004 apud AGOSTINHO, 2013, p. 235), “[...] Cidadania ‘real’, então, envolve a busca de maneiras para alterar a cultura de práticas e atitudes adultas, a fim de incluir as crianças de forma

significativa para ouvir e responder-lhes efetivamente.” As crianças têm direitos que devem ser garantidos e preservados, elas são atores sociais de direitos próprios e assim devem ser consideradas, de maneira que não as interpretem como objetos de socialização, muito menos como massa de manobra para dentro da sociedade. “É necessário manter o equilíbrio na educação infantil entre a dependência e a competência das crianças pequenas, favorecendo a construção de autonomia em contextos de socialização.” (AGOSTINHO Kátia, 2013, p. 238)

Segundo Agostinho (2013), a necessidade de nos atentarmos às vulnerabilidades distribuídas no que diz respeito às idades das crianças se faz muito importante. Precisamos reconhecer essas diferenças para interpretá-las e viabilizar seus direitos, entendendo que quanto mais novas mais vulneráveis tendem a ser.

Um processo de participação, baseado em um conceito de criança como sujeito participante, implica, portanto, na capacidade dos adultos de as ouvir, de modo que cada uma sinta que a sua experiência tem valor. Ao fazer isso, lançam-se, entre as crianças, as bases para uma consciência crescente quanto ao fato de que as suas experiências e pontos de vista são dignos de atenção, mesmo quando elas podem ser diferentes das dos outros. (BAE, 2009a apud AGOSTINHO Kátia, 2013, p. 239)

Primordialmente devemos perceber que os mecanismos usados no processo de participação das crianças, garanta de fato a promoção e o exercício do direito que elas têm de externalizar aquilo que para elas é deveras importante. Vale atentar-se às possibilidades oferecidas, para que elas atendam de fato aos interesses e predileções das crianças e não somente ao manejo, controle dos adultos.

A observação apresenta-se como uma imponente ferramenta para a escuta das crianças, de modo que a utilize em tentativas de compreensão das capacidades, necessidades e interesses das crianças, frisando a relevância que recai também sobre as práticas de trabalho dos profissionais, à medida que abrem-se para essa tomada de decisão advinda das crianças. Observar, escutar, documentar e dialogar são no que diz respeito às ações dos professores, quatro estratégias que quando efetivadas para ouvir as crianças, atuarão de maneira essencial no compreender as experiências e pontos de vista das mesmas.

Uma educação infantil que garanta a cidadania às crianças requer propostas pedagógicas que as reconheçam como sujeitos que se expressam sobre o mundo de forma peculiar, na interação com os elementos da natureza e da cultura, com outras crianças e adultos. Temos de estar atentos aos modos como as crianças se exprimem, considerando todas as formas comunicacionais que utilizam para fazê-lo. (AGOSTINHO Kátia, 2013, p. 240)

A participação ativa das crianças alia-se fundamentalmente com o diálogo e com o entendimento sobre o respeito às diferenças, já que as mesmas incidem diretamente na construção dos espaços que ocupam. O poder de decisão tido pelos adultos, dentro de um processo que leve em conta as vozes das crianças, deve abrir espaço e unir-se à elas. O objetivo é evidente, possibilitar às crianças a construção de uma cidadania efetiva, que reconheça seus direitos e construa assim um espaço democrático e justo para o desenvolvimento das vivências e experiências que seguem na infância em constante crescimento.

A possibilidade de se expressar e de ser ouvido desempenha um papel crucial para as crianças. A proposta, nesse sentido, é o estabelecimento do diálogo, o qual requer sensibilidade, astúcia, perspicácia e conhecimento para que sejam travados e entendidos os diversos canais de comunicação, e que tem em atenção o compartilhamento do poder, reconhecendo a interdependência que une crianças e adultos para a construção do bem comum, promovendo democracia e cidadania; numa participação que valorize a contribuição das crianças para a sociedade enquanto crianças. (AGOSTINHO Kátia, 2013, p.241)

A organização dos espaços no cotidiano educativo deve ser pensado não somente para incluir na pauta atividades, programações que tragam esses pontos, mas é sobre provocar, de fato apresentar às crianças o que é essa heterogeneidade, o que ela representa no nosso cotidiano, como ela pode e deve interferir em muitos de nossos comportamentos no âmbito coletivo. É muito mais do que no papel ampliar o planejamento, são deveras tentativas de ampliar as relações sociais, em conhecimento, tolerância, respeito, atravessando quaisquer que seja o contexto.

Toda e qualquer relação, toda e qualquer vivência para a criança é novidade. Elas estão construindo relacionamentos na mesma medida que desenvolvem-se, entender que existem contextos, crianças, vivências, espaços diferentes daquilo que elas já estão acostumadas é perceber uma heterogeneidade que de fato compõe a

sociedade e precisa ser percebida. Não é só sobre incluir dinâmicas, mas torná-las efetivas nas vivências, para que as crianças cresçam e percebam, cresçam e vivenciem, cresçam e desenvolvam-se entendendo que todos temos os mesmos direitos e cabe a nós todos também construirmos os espaços que vivemos em coletividade, respeitando toda e qualquer diferença.

Relacionar a educação infantil (etapa) com as instituições (espaço) que as crianças atravessam e ocupam é em tentativas constantes possibilitar um desenvolvimento permeado por estratégias que viabilizem a participação e ação das crianças, sobre aquilo que constrói elas mesmas.

Os processos educativos têm insubstituivelmente como mediador do mesmo, o professor(a). Ela/ele tem, dentre muitas responsabilidades, a de garantir experiências favoráveis à criança, que considere o contexto, que pense no antes, durante e depois, que busque a qualidade na educação, que possibilite vivências construtiva e que acima de tudo respeite o direito que aquela criança tem de estar ali, de ser criança, de viver a infância e construir a educação. A criança sempre será o sujeito mais importante de todo o processo que denominamos de educação, ela sempre deverá ser a mais favorecida, ela sempre deverá ser pensada em primeiro lugar.

Nesse sentido, deve-se compreender os contextos de educação da pequena infância como de responsabilidade pública, espaço de encontro entre cidadãos – crianças e adultos – e como lugar colaborativo capaz de muitos propósitos e projetos. Baseados em valores de participação, diálogo, confiança e escolha, cuidando para perceber que os conceitos de escolha podem ter variados significados. A defesa aqui é a da escolha quando utilizada em conexão com a tomada de decisões, em processos coletivos ou mesmo individuais, mas sempre com vistas ao bem comum, em que os valores de solidariedade, colaboração e partilha são preservados e cuidados. (AGOSTINHO Kátia, 2013, p.236)

Na educação, não deve ou pelo menos não deveria haver a criança inferiorizada e o adulto como um superior, no sentido de assumir o papel enquanto agente principal. Apesar de vivermos em uma sociedade hierarquizada há anos, é importante que ressaltemos a necessidade da criança de ser ouvida. Não é sobre o adulto não ter voz e ficar à mercê das escolhas e vontades das crianças, mas é sobre legitimar o que aquelas crianças ali mostram e indicam. Todas as crianças,

sendo elas ocupantes ou não das instituições de educação, são sujeitos de direito e têm por ele assegurado o acesso à educação.

Todos nós, enquanto cidadãos constituintes desta sociedade em que vivemos, que estamos inseridos, somos sujeitos de direito. Ouvir e ratificar as opiniões e expressões das crianças é deveras muito importante. Desde 1990, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), material que tenciona a proteção integral da criança e do adolescente, atua de forma que “Art. 15 – *“a criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”*, e também o que se faz importante frisar “Art. 16 – *O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: [...] II - opinião e expressão; [...] V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;*”

Assim, é fundamental que estejamos atentos e possamos de maneira regular e atenciosa viabilizar à prática essas indicações. Todos aqui somos mutuamente dependentes uns dos outros, mas também, de certa forma nos apresentamos como dependentes das crianças, uma vez que amanhã elas darão seguimento e construirão a futura sociedade. São e estão crianças hoje, aqueles que amanhã, enquanto cidadãos que sempre foram, constituirão e ocuparão os espaços de educação, de desenvolvimento, toda a sociedade de uma forma geral.

3. A CRIANÇA COMO ATOR SOCIAL

“Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças.”

(Eduardo Galeano)

No Brasil, segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE no ano de 2018, há cerca de 35,5 milhões de crianças, o que de um total de aproximadamente 207 milhões de habitantes, configura em torno de 17,1% da população brasileira. São 35 milhões de crianças, integrantes desta sociedade, que assumem enquanto atores sociais, o dever de experienciar a vida e ter seu desenvolvimento pautado nos contextos que o cercam, relacionado às vivências sociais, culturais e históricas, atravessando assim em pluralidade as infâncias.

Falamos sobre a pluralidade que permeia a infância e a criança, uma vez que os processos enfrentados, vivenciados compõe um atravessamento por, ao mesmo tempo que similares, diferentes etapas. É desacertado acharmos que todas essas 35 milhões de crianças percorrerão por uma só infância, sem diferenças, dissemelhanças ou alteridades. Cada uma, em concordância com aquilo que apresenta-se à sua volta, constrói e vive a sua infância. Sabemos que as coisas não são iguais em todos os lugares, sabemos que nem todas as crianças acessam os mesmos ambientes e muito menos as mesmas vivências. O que sabemos e temos certeza, é de que são crianças, que têm seus processos de educação e socialização pautados no contexto que as envolvem e muito substancialmente, protagonizam a construção da sociedade contemporânea e futura.

Como de praxe e trazendo, como no início, Eduardo Galeano, que diz que *“Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças”*, sabemos que no Brasil a realidade de muitas não é de ser apenas criança. Muitas carregam consigo, desde cedo responsabilidades atribuídas a inúmeros fatores, que as levam para experiências e vivências por vezes distantes da infância. A infância, naturalmente, constrói-se num tempo social de vida, tempo esse no qual ainda somos crianças. A criança vive e protagoniza a infância e a infância só acontece em função da mesma.

O texto *“As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo”*, de Manuel Jacinto Sarmiento e Manuel Pinto, traz apontamentos que se assemelham a essa dinâmica e estrutura, sobre o que habitualmente percebemos no agir em sociedade.

As crianças são importantes e sem importância; espera-se delas que se comportem como crianças mas são criticadas nas suas infantilidades; é suposto que brinquem absorvidamente quando se lhes diz para brincar, mas não se compreende porque não pensam em parar de brincar quando se lhes diz para parar; espera-se que sejam dependentes quando os adultos preferem a dependência, mas deseja-se que tenham um comportamento autônomo; deseja-se que pensem por si próprias, mas são criticadas pelas suas 'soluções' originais para os problemas (cit. in Pollard, 1985: 39).

Dessa forma, sabemos que as crianças ocupam diferentes lugares e espaços, em diferentes culturas. Há tempos, podemos perceber que não cabe mais aqui que

controlemos e façamos das vidas, da infância das crianças uma orientação por controle remoto, sem pensar no que de fato vá atingi-las e pode ser mais coerente para a própria vivência. Vale assim, explicitarmos que as crianças atravessam diferentes momentos e práticas, que elas assumem, levando em conta quem são e por algumas vezes sem muito entendimento, o papel de ator social. Atuar socialmente em coletividade oportuniza um crescimento pautado na coerência, no conjunto, mas de forma alguma exime o suporte e contribuição que nós, adultos, devemos prestar à elas. Pensar numa constância é muito mais perspicaz do que exigir e querer cumprimentos precisos e inflexíveis.

O autor Jens Qvortrup (1995) faz apontamentos acerca da dissonância, se assim podemos identificar, de os adultos gostarem tanto das crianças, mas tornarem a “produção” delas cada vez menor, dedicando pouco tempo e espaço em vida para elas. Há uma relação extremamente próxima entre as crianças e os pais e à medida que analisa-se a importância dessas vivências em proximidade, podemos identificar que de fato o dia a dia não acontece assim. As vivências têm sido distantes e individuais na maior parte do tempo, espera-se espontaneidade no mesmo lugar onde as crianças são tomadas por regras e determinações, são apontadas como prioridade, mas o contexto social e econômico que as envolve nem sempre permite esse desenrolar, seria interessante se os pais pudessem estar e assumir a maior parte do tempo no que diz respeito às responsabilidades da criança, mas a própria estruturação da sociedade que vivemos hoje não permite esse tempo todo de dedicação, há disciplina e controle onde poderia haver liberdade e democracia e numa incoerência, a sociedade valoriza e se importa tanto com a infância, que a maior parte, senão toda a responsabilidade, despesas e cuidado ficam à mercê somente dos pais e das próprias crianças.

Quem são as crianças na sociedade atual? Qual espaço elas ocupam? Quem as reconhece como deveria? Isso é sobre crianças na sociedade, isso é sobre como as tratamos, pensamos em suas existências e vivências, como dedicamos nosso tempo e atenção às suas infâncias. As crianças têm direitos e crescem numa grande parcela que constitui a sociedade, é necessário voltarmos o olhar para elas a fim de entender o real papel que aqui elas ocupam e exercem, para poder também pensar naquilo que à elas proporcionaremos, enquanto atravessam a infância.

A infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância. (FRANKLIN Bob, 1995)

Os diferentes contextos sociais que envolvem as crianças na sociedade são os principais responsáveis pela heterogeneidade que identificamos, afinal de contas a estrutura social varia de acordo com classe, etnia, gênero e cultura. Assim, a própria cultura possibilita que consideremos as crianças como atores sociais de pleno direito, uma vez que não as reconhecemos como prescindível, mas percebemos a capacidade de produção e representação para dentro dos sistemas, da sua própria cultura.

Atravessando diretamente para dentro dos espaços da Educação Infantil, essa heterogeneidade e as percepções que a acompanham, compõem estruturas e desenvolvimentos que formam e integram esses espaços e atuam diretamente na relação entre as próprias crianças, ampliando e fortalecendo, mas também dando oportunidade de conhecimento e identificação acerca dessas construções.

Existem infinitas maneiras de fazermos colocações que se relacionam ao dia a dia, a vivência rotineira, no que diz respeito à criança, a infância. Acho que vale o questionamento sobre aquilo que temos partindo de um ideal para o desenvolvimento, crescimento das crianças e aquilo que na prática realmente é feito. Esse trecho traz contradições muito reais e próximas a realidade e nos suscita reflexões que nos aproximam de uma análise que se faz necessária sobre as contradições, as necessidades das crianças, as intervenções dos adultos. É importante que estejamos atentos ao desenvolvimento que a criança terá ao longo da sua infância, e não somente no atendimento das expectativas adultas. Vale também ressaltar que todo e qualquer contexto envolve-se, interfere nessa dinâmica.

O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças. (SARMENTO e PINTO, 1997, p.8)

É difícil olhar para todos esses apontamentos e não perceber que o principal e fundamental ponto disso tudo é a criança, que é para ela que devemos voltar nosso olhar, que é nela que devemos pensar. O ponto principal deve ser ela e daí então pensamos em como partiremos para as vivências. Ao longo do nosso crescimento, desenvolvimento, passamos por construções sociais que nos compõem. Nós, adultos, na grande maioria das vezes conseguimos perceber essas construções e os ambientes que as proporcionam. Somos nós adultos, que faremos isso para e com elas. É muito importante que levemos as crianças como protagonistas desse meio e entendamos que estamos aqui para contribuir na passagem e tudo que ela inclui, pela infância.

4. A RELAÇÃO ENTRE O CONCEITO DE ADAPTAÇÃO E INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças na Educação Infantil passam por um processo de adaptação ou de inserção? Qual ideia de fato nos traz a palavra adaptação e a palavra inserção? Vamos aqui retomar estes termos e entender o real sentido destes dois conceitos, que atravessam um mesmo contexto, mas na prática realizam-se de maneiras e com estratégias um pouco diferentes, reiterando a distância que existe entre eles.

É importante perceber que ao utilizarmos o termo *adaptação* abrimos margem para uma interpretação que aponta para a ideia de fazermos com que, sem atentar-se muito às especificidades e particularidades de cada criança, ela pertença aquele ambiente, aquele grupo. De uma forma mais geral, indica-se uma introdução já posta, mais prática, sem analisar muito minuciosa e atenciosamente o contexto que a envolve.

De uma definição dicionarizada sobre adaptar, temos:

Adaptar - a·dap·tar **vtdi 1** Encaixar ou
ajustar uma coisa a outra: O mecânico adaptou um filtro antipoluição à
minha moto.
vtd 2 Fazer acomodar ou ajustar à visão: O técnico adaptou as lentes dos
meus óculos.
vtdi 3 Tornar apto: O supervisor adaptou o estagiário à nova tecnologia.
vpr 4 Tomar-se adequado a; adequar-se, harmonizar-se: “É inconstante
como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se” (EC).

vtdi 5 Tornar conveniente a; adequar: “Qualquer que fosse o laudo, ele teria de adaptá-lo ao laudo anterior feito pelos militares [...]” (CA).

vtdi 6 Modificar uma obra de arte para outro veículo de comunicação: Adaptaram um conto de Guimarães Rosa para o cinema.

vpr 7 Adaptar-se a um ambiente, ambientar-se: Os chimpanzés adaptaram-se bem ao zoológico.

vtdi 8 MÚS Criar nova orquestração ou arranjo: O maestro adaptou algumas peças de Bernstein para flauta.

Assim, podemos interpretar que o processo de adaptação se dá de forma mais prática, mecanizada, e trata sobre como fazer com que a criança adapte-se, introduza-se, torne-se apta a participar daquele grupo, independente das circunstâncias que compõem o contexto no qual a criança e o grupo que a recebe também se encontra.

Portanto, visando prover aqueles que mais nos interessam e sabendo do real sentido que acompanha o termo, entendemos que:

A adaptação deve ser encarada não apenas como um período no qual a criança deve se adaptar às novas rotinas, mas como um momento de conhecimento e reconhecimento de sujeitos sócio-histórico-culturais que se encontram num espaço institucional. A acolhida à criança e às famílias deve se pautar na escuta sensível a esses sujeitos com o objetivo de informar as instituições quanto a possíveis necessidades de reorganização de tempos, espaços e relações, no intuito de melhor atender às expectativas e necessidades dos sujeitos que acorrem à instituição. (BRASIL, 2009a, p.31 apud Motta, 2014, p.215)

As lacunas que assim podemos identificar no conceito de *adaptação*, encontramos com mais visibilidade e são visivelmente preenchidas no conceito de *inserção*, que traz uma ideia mais completa do levar em conta tudo que envolve o desenvolvimento da criança, todo o contexto que a envolve e acompanha, para que ela sinta-se com propriedade, pertencente aquele grupo e efetivamente o componha, de modo que tanto quem está por ali chegando, como os que já ocupam o espaço, sintam-se contribuintes de todo o processo e assim “[...] o termo *inserção* é o mais adequado para orientar esse processo de ingresso das crianças nos contextos educativos.” (RODRIGUES 2017, p.102)

No dicionário, a definição de inserir é:

Inserir - in·se·rir

entrar ou introduzir: Inseriu a chave na fechadura e entrou em casa.

vtdi 1 Fazer

vtdi 2

POR EXT Intercalar

uma coisa em outra; encaixar: “Ele costumava ler seus escritos em voz alta,

modificava, inseria rubricas no texto original, observava atentamente a reação da plateia ao ouvir suas histórias” (ER).

Vpr 3 Introduzir-se e ficar firme; fixar-se, implantar-se: O costume de tomar chimarrão inseriu-se em nossos hábitos.

Percebemos aqui que ao citarmos o termo inserção, mais estratégias e percepções são levadas em conta, não é somente sobre submeter a criança a tal espaço, tal grupo, mas é sobre possibilitar atravessamentos que permitam “[...] enfatizar sua característica dinâmica e relacional, já que não apenas a criança é transformada pelo grupo, mas também transforma o grupo o tempo todo.” (RODRIGUES 2017, p.102). É sobre abrir possibilidade para que todos os envolvidos sejam de fato contemplados durante o processo, que transformem e sejam transformados.

Tendo em vista essas noções, a escolha nessa pesquisa tem como orientação o conceito de inserção, por considerar as crianças nesse processo relacional que se inicia não como um ajustamento, uma adaptação tutelada pelo adulto, mas no reconhecimento que a criança é competente para dizer de si e iniciar relacionamentos fora do âmbito doméstico-familiar. (RODRIGUES 2017, p.74)

Assim, de acordo com Rodrigues (2017), entendemos que se faz muito mais pertinente considerar o processo de inserção através de uma ótica inclusiva, que leve em conta as especificidades de cada criança, o contexto sociocultural que a envolve, já que a criança é, independente de idade, muito capaz de construir relacionamentos e ser ativo no processo de inserção, que diz respeito a sua própria infância, protagonizando um espaço que muito a pertence.

5. PENSANDO A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS E AS RELAÇÕES COM AS FAMÍLIAS

Em todo e qualquer processo é importante que existam aberturas para trocas, diálogos e compartilhamentos. Quando nos pautamos acerca do processo de inserção dos bebês nos espaços de Educação Infantil, em princípio é importante salientarmos que o atendimento é garantido à eles por direito, tanto quanto um dever do Estado e uma opção da família.

A prática de frequência das crianças nos espaços da Educação Infantil altera e inova uma rotina, uma dinâmica que já vinha acontecendo desde o nascimento das

mesmas. O início do processo de inserção, que ainda é uma prática recente à família, por vezes tenciona que ela espere, crie expectativas de que a creche desempenhará funções, de modo mais socializante e pedagógico e não também de fato de um cuidado atento e dedicado.

Nesse sentido, compreendemos que o ingresso na creche implica que os pais confrontem-se com toda uma malha de significações próprias da cultura em que estão inseridos e por aquelas construídas ao longo de sua própria história de vida. Ao mesmo tempo, a inserção na creche implica que bebês e familiares passem a encontrar-se imersos em um novo meio físico, social, ideológico e simbólico. Esse novo contexto irá propiciar novos contatos e experiências, além de capturar, confrontar e criar continuamente novos significados, promovendo novos recursos pessoais. (AMORIM, VITÓRIA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p. 122)

O contexto que envolve a família é atribuído por diversas colaborações e define-se também pelo ambiente físico que ocupam, as pessoas que a compõem, as relações que a partir dali são estabelecidas, assim como a rotina, suas práticas e os papéis que ali cada um exerce e a própria cultura familiar. Dessa forma, é justificável que na atuação da criança nos espaços da Educação Infantil, reflexos daquilo que aconteceram e acontecem ainda para dentro das suas primeiras relações, com a família, sejam trazidos e protagonizem o percurso da criança no ambiente que ela ocupa, que já não é mais único e familiar. (AMORIM, VITÓRIA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000)

Percebe-se que, para os familiares, são fundamentais o significado da creche e o papel que eles desempenham naquele ambiente, frequentemente permeado por conflitos. Por meio desses significados e das necessidades da mãe, são elaboradas interpretações quanto às suas próprias ações, às da criança e às das educadoras; às interações em construção {mãe-filho} e àquelas que envolvem a criança e a mãe com as educadoras e com outras crianças e familiares no ambiente. Esses significados representam, ainda, a base para a elaboração do questionamento da creche como ambiente saudável para o filho, com a promoção, ou não, da presença do filho nesse novo meio e de sua independência nele. (AMORIM, VITÓRIA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p. 132)

Para dentro dos espaços e do processo de inserção na Educação Infantil as experiências e vivências se dão de maneiras muito diferentes e ímpares. As

interações e desenvolvimentos acontecem sempre de maneiras distintas e são permeados por diversos fatores que o cercam. As relações afetivas (criança - professora) vão acontecendo de forma progressiva, múltiplos fatores atravessam e interferem no processo e assim entendemos como mediador central da inserção todos esses elementos que permeiam as dinâmicas, os comportamentos, as relações e os próprios constituintes da mesma. (AMORIM, VITÓRIA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000)

Por fim, nítida e significativamente compreendemos que todos os envolvidos no processo de inserção família - criança - instituição “[...] *vão se constituindo como sujeitos e transformando continuamente a rede de significações pessoal e coletiva.*” (AMORIM, VITÓRIA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p. 138)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando dialogamos sobre crianças, educação infantil, infância, muito brevemente nos relacionamos com pensamentos que nos trazem a ideia da inserção. Afinal de contas é a idade na qual as crianças vão pela primeira vez para as unidades de educação, é a primeira vez que muitas ficarão por horas longe dos familiares, é também o momento que elas ali conhecerão e terão contato com outras crianças, com um ambiente completamente distinto daquilo que elas já estão habituadas. O espaço/ambiente é diferente, a comida é diferente, os brinquedos são diferentes e principalmente quem estará ali para atendê-las, dar suporte, cuidar/educar também será uma pessoa que até então ainda é desconhecida.

São inúmeras as proposições que abrangem este momento, são inúmeros os desafios que tanto a família quanto a escola atravessam durante todo esse processo. São diárias e infinitas experiências que as crianças vivenciam. É necessário que nos esforcemos um pouco para entender que todo e qualquer comportamento apresentado pela criança, enquanto ela perpassa por todo este processo, é uma resposta aos entendimentos que ela vai tendo e fazendo.

Ao pensarmos na Educação Infantil, muito rapidamente chegamos às crianças, aquelas que protagonizam a rotina do dia a dia dentro das unidades de educação. Mais do que pensar o ambiente, aqueles que o ocupam e a sua própria

organização, vale lembrarmos sobre o processo. A ida das crianças à Educação Infantil atravessa muitos propósitos, têm inúmeras finalidades. Elas ocupam o espaço por um período do dia e precisam sentir que dali pertencem.

O ponto de partida para todo o processo que compreende as crianças na Educação Infantil, é a chegada. Elas precisam ali chegar, para então poderem fazer parte, integrar-se, incluir-se, tornar-se participante daquele grupo, ingressar, compor, isso assim, faz parte do que chamamos de inserção. A inserção permite que as crianças, ao chegarem naquele ambiente, que para elas é completamente novo, da mesma maneira que transformem, sejam também transformadas pelo grupo. É ali, durante esse processo, que as crianças constroem e expandem os laços sociais e dão início a uma longa e fundamental caminhada.

Pensar sobre a inserção é pensar em um processo repleto de pormenores, que vai desde muito antes da chegada da criança à unidade, ainda acompanhada da família, até em como se dá a organização da sala, dos espaços, as atividades e materiais que serão ali ofertados. O que abriga a inserção das crianças, envolve com especificidade ela própria, a família, a professora, a escola, o grupo. Tudo que a circunda é participante desse processo. Aqui o adulto, as professoras, a família assumem um papel que direciona, facilita e prepara as relações pelas quais as crianças se envolvem. Assim, a inserção se dá como um processo diário e constante, vai além da primeira semana, no início do ano letivo. Tratamos sobre crianças, sobre desenvolvimento, relacionamentos e construção. É sobre o formar de uma sociedade que percebe-se atenta aos que estão à nossa volta, contribuindo com a fundamental, educação.

7. REFERÊNCIAS

MOTTA, F. N. **Notas sobre o acolhimento**. Educação em Revista Belo Horizonte. v.30. n.04. p.205-228. Outubro - Dezembro 2014

RODRIGUES, Zoleima Pompeo. **A inserção na relação educativo pedagógica na educação infantil**. Dissertação de mestrado em educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

RODRIGUES, Zoleima Pompeo. **A ação docente e as dimensões educativas que subsidiam a inserção das crianças no contexto educativo da creche**. 2014. 75p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Infantil) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

AMORIM, Kátia de Souza; VITÓRIA, Telma; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 109, p. 115-144, mar. 2000.

RODRIGUES, Zoleima Pompeo; AGOSTINHO, Kátia Adair. **As relações educativo-pedagógicas na educação infantil no processo de inserção**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

COUTINHO, Ângela M. S. **Ação social e participação no contexto da creche**. Educativa, Goiânia, v.16. nº 2. p.217 – 228. Julho – Dezembro 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO Manuel. **A visibilidade social da infância e das crianças**. Portugal, 2013.

AGOSTINHO, Kátia Adair. **O direito à participação das crianças na educação infantil**. Educativa, Goiânia, v.16. nº 2. p.229 – 244. Julho – Dezembro 2013.

SIQUEIRA, Romilson Martins. **Apresentação Infâncias e crianças**. Educativa, Goiânia, v.16. nº 2. p.175 – 176. Julho – Dezembro 2013.

SOUZA, Sirlene Oliveira; MOTTA, Flávia Naethe. **Acolhimento/inserção na educação infantil: ações, concepções e formação docente**. Rio de Janeiro, 2014.

Obrigatoriedade de frequência – Educação Infantil:

<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/18563-criancas-terao-de-ir-a-escola-a-partir-do-4-anos-de-idade>

Acesso em: 01/07/2019

Dicionário Michaelis:

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=inserir>

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=adapta%C3%A7%C3%A3o>
[±](#)

Acesso em: 05/07/2019

Pesquisa IBGE 2018:

<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20786-perfil-das-criancas-brasileiras.html>

Acesso em: 24/11/2021